

**O PRAZER DA LEITURA: PERSPECTIVA COGNITIVA
ATRAVÉS DA OBRA “VIDA DA GENTE”**

Roziléia de Oliveira Sales (UEMS)

rozileiasales@gmail.com

Adriana Lúcia Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

RESUMO

A questão democrática de ensino se esbarra nos conhecimentos: de informação e de construção de sentido. Dentro desse contexto, a escola expressa um papel social que busca a interação desse processo. O professor, como formador de opinião, fundamenta os caminhos para que essa situação seja desenvolvida com êxito. O estudo desse artigo presuppõe o emparelhamento de saberes, que deverão apresentar um caráter de ensino, uma capacidade de aprendizagem e do (re) nascer do prazer da leitura num “passeio” pelo gênero textual da crônica. Para tanto, tal estudo foi conduzido na escolha da obra “Vida da Gente”, do cineasta Fernando Bonassi. Por se tratar de um narrador, personagem infantil, enumera pensamentos, sonhos, vivências do mesmo sobre temas sociais, literários, filosóficos, entre outros, que fala de maneira bem construtiva e descontraída em tom de humor ingênuo, próprios de um garoto de dez anos. Antecede uma conversa direcionada aos adultos que ainda possuem “aquela criança” em seu interior. Estas atividades expõem concepções de habilidades e de competências que contribuem para a formação do educando perfazendo e correspondendo, assim, ao papel cognitivo, traçado pelo educador num contexto de referência pedagógica no âmbito escolar. Como base teórica fixamos nas leituras dos estudos voltados ao espaço da literatura em sala de aula de Cosson (2006), das teorias sequenciais didáticas de Dolz, J.; Noverraz, N. e Schneuwly, B (2004) e de aplicações das tendências cognitivas, de Leffa (1996).

Palavras-chave:

Aprendizagem. Ensino. Interação. Leitura. Prazer.

1. Introdução

A Literatura em torno de sua extensão como Arte, sempre cumpriu um papel importante na História da Humanidade, através dela e por ela se pôde conhecer, compreender, ampliar saberes do belo com do real acontecimento de cada época, ainda que buscasse a subjetividade do leitor e/ou os vários critérios de literariedade das técnicas de sua composição.

Ao ler e sentir em toda a sua amplitude o texto concede e expande

as temáticas sociais, históricas, filosóficas, artísticas que vêm a protagonizar a importância da prática leitora firmando assim seu papel de forma crítica e abrangente. O que se observa seria a prerrogativa de conferir ao interlocutor a leitura – e aqui cito a literária em que se esbarram o antagonismo entre o atribuir e o extrair, para definição mais clara:

O antagonismo está nos sentidos opostos dos verbos extrair e atribuir. No primeiro, a direção é do texto para o leitor. No segundo, é do leitor para o texto. Ao se usar o verbo extrair, dá-se mais importância ao texto. Usando o verbo atribuir, põe-se a ênfase no leitor. (LEFFA, 1996, p. 11)

A visão de conhecimento que abrange o conteúdo literário como: de informação, de construção e de produção como emancipação ao saber internalizado do educando, proporciona uma autonomia dinâmica e de ação na construção de sua cidadania. Neste pressuposto, foi traçado um “olhar” cognitivo para auxiliar quanto ao conteúdo de literatura infantil – problemática esta – da base do Ensino Fundamental I, do 5º ano da EM. Cássio Leite de Barros, da cidade de Corumbá – MS, acerca do gênero da crônica.

Sobre a crônica se Fernando Sabino num campo aberto de conceituações afirmou que “crônica é tudo o que o autor chama de crônica” (ÂNGELO, 2007), em outra vertente, Ivan Ângelo, em sua produção sobre o gênero, conduziu – nos à reflexão de que “a crônica tem a modalidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite” (ÂNGELO, 2007).

Desta feita, esta pesquisa recorreu na obra “Vida da Gente”, do cineasta Fernando Bonassi. Deveu – se esta escolha por se tratar de um menino na ‘faixa etária’ dos discentes, nas compreensões, nas atitudes, nos pensamentos, nas vivências, nos sonhos semelhantes. As crônicas tratam de diversos temas que englobam os contextos sociais, científicos, filosóficos e literários; dentre outros, numa linguagem acessível em que o leitor “compactua” com o menino narrador, esta narrativa está direcionada também ao adulto que se propõem a acreditar na criança que carrega consigo.

Apresenta como objetivo, um caráter de ensino, uma capacidade de aprendizagem e do (re) nascer do prazer da leitura que venham a corroborar a importância do conhecimento nos conceitos, ainda de forma reflexiva e dinâmica, seja pela leitura silenciosa, em voz alta, individual, em grupo; culminando em apresentações: verbal e escrita.

Observou – se o presente histórico, a linguagem dos alunos numa mostragem de contrastes, sem inferiorizar o conhecimento dos mesmos,

com marcas de oralidades – nas devidas correções – quando necessárias o que favoreceu a compreensão da leitura que se assemelha às vivências dos interlocutores. Sobre esse exercício literário, Cosson assim definiu:

Tudo se inicia com o imprescindível e motivado contato com a obra. Ler o texto literário em casa, na biblioteca ou em sala de aula, silenciosamente ou em voz alta, ou com ou sem ajuda do professor, permite o primeiro encontro do leitor com o texto. (COSSON, 2010, p. 58)

Estas experiências puderam preconizar as capacidades e as aptidões dos discentes que reconheceram a importância das atividades e de se fazerem entender, concomitantemente, com o interlocutor ou com o ambiente protagonizando a enunciação.

Partindo da concepção de como é desenvolvida a literatura na escola, esbarrando – se no currículo do programa de ensino escolar e da clientela que estará a ela ancorada, nesse sentido procurou - se estabelecer um gênero que pudesse reiterar a importância da disciplina em todos os seus aspectos culturais, sociais, filosóficos que fundamentassem uma prática licenciada no cotidiano dos alunos.

Não há de se deixar cair no esquecimento que o que se encontra (em sua grande maioria) nos livros didáticos, são fragmentos de textos literários, ou paródias, entre outros textos, que ainda que tenham sua importância não possuem o mesmo teor semântico ou de performance que acumulem saberes mais significantes que perpetuam para um aluno consciente e maduro dos variados conhecimentos adquiridos.

A crônica, neste momento, veio a intermediar a procura de interesse pela leitura, as dicotomias: da escrita e da fala, e, ainda a incentivá-los quanto aos aspectos de conhecimentos que viessem a favorecer a criação dos alunos como pró – ativos, revelando assim a busca de valores que possuem numa sociedade que se não lhes revela tão justa, possa estimulá-los como protagonistas autores. “Vida da Gente” foi selecionada por apurar situações que emparelham ao ambiente familiar, à condição social e cultural dos educandos tanto quanto do autor, a respeito deste universo, Fernando Bonassi assim acrescentou:

A ideia de contar histórias está mais presente, faz parte do conjunto de experiências, é uma espécie de indignação generalizada com a condição de infelicidade humana, como o fato de que muitos têm pouco e que poucos têm tudo. Acho que a experiência humana é muito infeliz, ainda muito infeliz. Trata – se de apontar a infelicidade para que nós vejamos onde está o defeito, o modelo de vida que escolhemos, das injustiças que se praticam, mas de

fundo. (BONASSI, 2011)

A contribuição literária de Bonassi trata de histórias divertidas de pessoas que se esforçam em seu cotidiano, que na luta diária se propõem na busca em se encontrarem e que em alguns momentos afastam – se no cotidiano da sociedade brasileira.

2. Metodologia

Para o desenvolvimento de aplicabilidade do conteúdo do gênero crônica, buscou – se o modelo de sequências didáticas de Joaquim Dolz, Michele Noverraz e Bernard Schneuwly para o ensino de gêneros das séries fundamentais:

2.1. Apresentação da situação

2.1.1. Leitura de Crônicas

- A) Modalidade: para a oralidade e escrita;
- B) Projeto Coletivo: Produções de Textos Narrativos (Ficcionais e Não Ficcionais); Reescritas.
- C) Desenvolvidos – por escrito – apresentados verbalmente, e, culminando na produção de uma miscelânea.
- D) Livro Para – didático: “Vida da Gente“, crônicas que tratam de situações vividas por um narrador personagem (típico/tipo) em que trata temas diversos: sociais, filosóficos, políticos.

Para introdução do gênero, apresentou – se duas crônicas: “Brinquedos”, de Rubem Alves e “A bola”, de Luís Fernando Veríssimo. Houve um trabalho de compreensão e interpretação das mesmas.

2.1.2. A primeira produção

Para iniciar as leituras de “Vida da Gente”, propôs-se as leituras e trocas das crônicas escolhidas entre os discentes, de forma individual, cada

um precisou observar as marcas de oralidades, o tipo de linguagem. Os temas abordados foram discutidos em grupos, depois, elaboraram textos e re-escritos das crônicas (estes iniciados em sala e finalizados em casa).

2.1.3. Os módulos

Foram entregues as duas crônicas: “Brinquedos” e “A bola”, com características dos elementos narrativos e do gênero trabalhado para que os alunos lessem. As identificações; acrescidas dos traços característicos, inclusive, de exercícios de interpretação para desenvolverem, proporcionaram um pré-requisito quanto ao conhecimento social para esta comunicação literária cotidiana.

Identificaram as palavras: desconhecidas e as corretas ortografias, neste momento existiram a reciprocidade – troca de informações – e auxílio mútuo, percorreu – se à compreensão das palavras também pelo contexto. Tudo portou – se em busca de explorar a linguagem bem como do conteúdo das crônicas.

Num terceiro momento, narraram as crônicas lidas do livro “Vida da Gente”, descreveram suas impressões, lembranças, sentimentos de dadas situações que passaram. Apresentaram seus pontos de vistas e discutiram, em alguns casos, o que poderiam fazer no lugar de personagens citados.

2.1.4. Produção final

Deveu – se a atividade nas produções e nas reescritas. Buscou – se a leitura e a escolha de títulos da obra “Vida da Gente” para se ter um caminho como ponto de partida. Neste momento, pôde se observar o amadurecimento da leitura e o interesse em produzir uma narrativa de seu universo por interação e semelhança com as histórias lidas.

Observações sobre os procedimentos apresentados

Dentro da proposta de oralidade e de escrita que atuam – se, simultaneamente, a produção e reescrita do gênero textual permitiram a observância da escrita ortográfica, das concordâncias, das marcas de oralidades; isto auxiliou no reparo das construções textuais, resultando na conduta própria da observância do que precisaria se atentar na escrita.

Buscou – se o contato da palavra em seu contexto, sem deixar em esquecimento a linguagem característica do gênero, que por propriedade da linguística textual permeia o laço da oralidade em suas práticas sociais esteve, concomitantemente, agindo em sua dicotomia própria.

Neste contexto teórico, propôs – se a leitura das crônicas e escritas do que se compreendeu delas, assim, destinou – se a apresentação coletiva. Ainda desempenharam a oralidade assemelhando às próprias situações que tornaram as participações mais interessantes.

Durante tais situações, houve momentos que percorreram assimilações dos elementos próprios desse gênero textual. A partir destas constatações, alguns alunos se dispuseram a criar outros gêneros sobre as temáticas das crônicas, possibilitando mostragens, diversificando os gêneros e opinando de como agiram diante dos fatos lidos. Este procedimento de similaridade com as crônicas levantou contextos reais, atitudes já pretendidas que conduziram a real situação dos alunos na sociedade.

Houve um trabalho de especial trato com aqueles que possuíam dificuldades em suas leituras e em suas escritas (quanto ao aspecto de produção), contudo, desempenhou – se um contato individual, mais direto, auxiliando nas reescritas das crônicas – que não se caberiam o descarte das limitações do processo daqueles que não acompanharam o desenrolar da maioria, afinal, que há dificuldades isso é visível.

Ficou notório que se deveria buscar um meio para valorizar e auxiliar o aprendizado. Neste caso, quem não teve grandes dificuldades pôde auxiliar na oralidade e por vezes na escrita numa linguagem mais clara e acessível ao outro colega, quanto a este momento, vale salientar que quem era protagonista autor fez o papel de interlocutor simultaneamente com o outro trocando ideias que melhor apropriariam – se na execução da atividade.

Nas produções inéditas e nas reescritas foram utilizadas de forma esclarecedora, em total oralidade e com discussões sadias objetivando o aperfeiçoamento do texto oral e do texto escrito, neste pressuposto, houve compartilhamento de saberes entre o protagonista autor e o interlocutor quanto às passagens que não se havia compreendido durante a leitura da narrativa.

Agrupamento dos gêneros e progressão

A seleção do gênero crônica deveu – se pelo ano escolar dos edu-

candos, pela faixa etária, pela acessibilidade, semelhanças de narrativas, pela linguagem simples e precisa, observou – se que as narrativas não possuíam uma forma fixa de composição, fato este que em várias situações, inibem os alunos na incerteza das normas, isto causa desconforto e incapacidade, próprios de quem possui dificuldades na leitura e na dicotomia: fala e escrita.

Dentro deste processo de escolha pensou – se como motivação um gênero que buscasse uma empatia imediata com a leitura para que desenvolvesse a troca de saberes, de forma divertida, que estimulasse a leitura literária a fim de estabelecer pontos de vista sem se preocupar (de imediato) com o domínio da linguagem escrita, que pudesse emparelhar o conteúdo literário canalizando à vivência dos discentes.

Partindo da concepção de que são protagonistas de diversos falares e dizeres, pôde – se, através das produções, identificarem uma aprendizagem de variadas manifestações: de interpretações e de compreensões que viessem a expandir as produções, certificando - os como sujeitos ativos, pensantes e produtores de sua própria realidade, inclusive, àqueles que desenvolveram reescritas, pois, mostraram-se autoconfiantes em seus textos, já amadurecidos, por conta das atividades desenvolvidas.

Aspectos Tipológicos

Se a ocasião ou a obrigação criou um autor protagonista de produções escritas, favoreceu também as ações discursivas. Através da prática oral, protagonizou – se cada aluno ao letramento por conta de seu universo, das atividades experienciais em sala de aula, das próprias experiências que perpetuaram novas visões de cidadãos produtivos como seres pensantes e, principalmente, atuantes na sociedade. A progressão decorreu nas crônicas, captou – se vários elementos, na visão múltipla dos educandos.

O gênero escolhido para esse ciclo de ensino favoreceu aos graus de acompanhamento e de dificuldades para esta faixa etária, o que se fez foi produzir e reescrever após o recebimento dos textos, de maneira que se melhorasse, gradativamente, a escrita a fim de se chegar ao término do resultado de forma satisfatória na intenção de valorizar a capacidade da clientela escolar.

Para que se chegasse à finalização dos textos, dos discentes que não conseguiram desenvolver um texto inédito, trabalhou – se a prática da rees-

crita, aqui o processo de ensino – aprendizagem retornou na interação das dificuldades de cada um preconizando uma ação coletiva para que se avançasse numa finalização que tivesse como produto os textos destes grupos que se destinassem a uma miscelânea dos protagonistas discentes.

Os materiais utilizados para esta atividade compreenderam – se entre livros, folhas mimeografadas, lousa eletrônica, vídeo, *notebook*, celular, imagens, lousa de giz.

A avaliação destinou – se pelas leituras individuais e coletivas, pelas produções: inéditas e reescritas, por apresentações e finalizadas como resultado de 25 textos diversificados em gêneros, possibilitando a criação de um livro físico.

3. Aplicação e resultados

As aulas foram desenvolvidas na EM Cássio Leite de Barros, situada na cidade de Corumbá MS. Dentro do educandário há uma biblioteca do SESI, com material acessível aos alunos com exemplares para a área infantil e infanto-juvenil – nos quais contemporâneos – mas que necessita de obras que apresentem conteúdos mais contundentes em contextualizações temáticas e em intenções de maior valor literário.

A unidade escolar no turno Matutino funciona com turmas do 5º ao 9º anos (Fundamental II) e no turno Vespertino, há turmas do 1º ao 5º anos (Fundamental I), ainda, são atendidos alunos especiais com acompanhamento de especialistas da Secretaria Municipal de Educação, trabalho desenvolvido num contra turno do aluno, quanto a este efeito, o regente faz o encaminhamento ao profissional desta área.

O desenvolvimento deste trabalho ocorreu numa turma de 33 alunos, que percorrem de uma faixa etária entre 10 a 14 anos, uma clientela de estrutura familiar não tradicional, contudo, atual, na sociedade contemporânea. Nas datas dos dias: 25/10, 29/10; 08/11, 12/11 (total de 12 aulas); os resultados obtidos em anexo: a produção de um livro cujo título, a saber: “Se eu conto te encanto, se te encanto, então, eu conto”.

Destinou – se ainda a imagens retiradas de sites, obteve – se o cuidado em pesquisar, minuciosamente, para interagir na produção escrita, todas são próprias para que os alunos – caso queiram – façam o uso de cores – assim, destinaria – se a mais uma atividade lúdica. O livro dos discentes

foi desenvolvido aos moldes do livro “Vida da Gente”, de Fernando Bonassi.

4. Considerações finais

A escolha das crônicas: “Vida da Gente”, de Fernando Bonassi, deveu – se por questão em apropriar – se de uma literatura mais livre de conteúdos e rica de saberes, que não percorresse uma rigidez estética de composição e/ ou de produção temática, em hipótese da concepção do aspecto cognitivo e da facilidade ou dificuldade de uma turma de 33 alunos do 5º ano de uma escola pública.

Por questão de estruturas econômicas, familiares e sociais, as narrativas perpassaram situações recorrentes dos discentes. Desde os pensares típicos da idade, das harmonias até as dificuldades diárias, as criações escritas mereceram especial cuidado por discorrerem sobre as pessoalidades, as alegrias, os pensamentos, as inseguranças e certezas dessa geração digital.

Discorreu – se sob a teoria de Leffa para que melhor compreensão, escrita e reescrita dos alunos. Ainda como aporte teórico, para se trabalhar o valor literário, Cosson foi preterido para nortear, em seus dogmas, para desenvolver este estudo e para fechar o desenvolvimento traçou – se na metodologia as sequências didáticas de Joaquim Dolz, Michele Noverraz e Bernard Schneuwly para o ensino de gêneros das séries fundamentais.

Para dar início ao tema, foram escolhidas duas crônicas: “Brinquedos”, de Rubem Alves e “A bola”, de Luís Fernando Veríssimo, a primeira em contexto reflexivo e a segunda centrada no humor, fez – se a compreensão e interpretação dos textos narrativos ainda buscaram – se introduzir as características do gênero.

Desta maneira, as correções na sala de tecnologias apresentaram-se a obra literária, uma entrevista em que o autor da narrativa faz uma auto – apresentação, relata suas tendências literárias, expõe a temática escolhida para escrever, inclusive, a produção do universo infante – juvenil. De forma clara e objetiva numa linguagem dinâmica e com a participação de uma intérprete, protagonizou seu universo de autoria.

A entrevista teve como desencadeamento de uma intérprete de Libras (no vídeo) para valorizar nosso segundo idioma. Os discentes entenderam a dinâmica e absolveram a concepção de que a praticidade da intérprete em conjunto com o falar do entrevistado, ocasionou na apresentação de ou-

tro gênero, já englobando fatos de compreensão, estimulando a prática literária em curso, resultando noutra tipo textual.

As crônicas do livro foram xerocopiadas porque não se tinha um exemplar a cada discente. Para criar um ambiente mais leve, foram levados ao pátio da escola em que se concentram uma arborização, num clima relaxante, leram: ora individual, ora coletivamente (em silêncio e em voz alta), houve trocas das crônicas e o que se pôde observar, se propôs (por eles em comum acordo) a lerem muito mais que o esperado.

Para dar continuidade, levaram para casa textos e tinham como compromisso fazer nova leitura para narrar para a turma. No dia seguinte, contaram e tentaram produzir textos, em suas visões, a partir do mesmo título da crônica lida e apresentada. Após as devidas entregas, as correções foram feitas e retornaram em mãos dos alunos para observarem, avaliarem as escritas e reescreverem para devolutiva.

Os alunos que não conseguiram produzir destinaram – se um trabalho personalizado. Para fim de valorização destes textos, os que não se obtiveram êxito, em suas criações, desenvolveu – se um trabalho contínuo, perfazendo em dupla ou em trio um trabalho mais minucioso que envolvesse o gênero em seus elementos, numa leitura e produção que viesse a rever uma reescrita para contemplar a elaboração dos mesmos.

Diante do desencadeamento da sequência desenvolvida todos os textos já visados e revisados, puderam proporcionar, dentro do esperado, a produção de um livro de composição da turma, em que se acrescentou imagens que processasse o papel de interação junto às narrativas, o que resultou no título: “Se eu conto, te encanto / Se te encanto, então, eu conto”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem A. *Quando eu era menino*. Papyrus, 2003.
- ÂNGELO, Ivan. Sobre a Crônica. In: *Revista Veja São Paulo*, 25 de abril de 2007.
- ARRIGUCCI JR, Davi. A ocasião faz o escritor. In: *Caderno do professor: orientação para produção de textos*. São Paulo: Cenpec, 2010.
- ONASSI, Fernando. Fernando Bonassi – Encontros de Interrogação (2011). Youtube, set. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/>

watch?v=muPuH6npUO4&t=44s > Acesso em: 16/10/2018.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Rio de Janeiro: Parábola, 2009.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Festa de criança*. São Paulo: Ática, 2002.